

Fundamentalismo Religioso na Perspectiva de Estudantes e Professores de Psicologia

Tatiana de Souza Leitão Rodrigues

Estudante do 7º semestre de Psicologia do Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil

Resumo

Com base na perspectiva da psicologia sociocultural, o objetivo desta pesquisa é analisar as concepções e crenças de professores/as e estudantes do curso sobre o fundamentalismo religioso no Brasil e em outros países. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, envolvendo entrevistas individuais semiestruturadas com apresentação de imagens selecionadas previamente, realizadas com um professor e duas estudantes do sexto semestre do curso. O estudo apontou a importância do tema religião, hoje um tabu nas universidades, ser debatido em sala de aula, sendo fundamental para a desconstrução de preconceitos relativos a crenças religiosas. Essa desconstrução é feita a partir do conhecimento da gênese do preconceito. O estudo indicou também uma falta de suporte pedagógico aos alunos que questionam sobre sua fé ao discutir assuntos relacionados à Psicologia.

Palavras-Chave: Fundamentalismo religioso, Preconceito, Laicidade, Psicologia

O principal jornal da capital do Brasil, Correio Braziliense¹, do dia 28 de março de 2016 traz uma reportagem sobre um ataque contra cristãos que celebravam o feriado religioso da Páscoa em um parque no Paquistão. O saldo: pelo menos 65 mortos e mais de 300 feridos. Segundo a tevê americana NBCNews, Ehsanullah Ehsa, porta-voz dos talibãs paquistaneses, confirmou que a organização assumiu a “orgulhosa responsabilidade” pelo ataque. Os recentes ataques terroristas na Europa reivindicados por grupos religiosos extremistas deixando inúmeros mortos em nome de uma fé chama a atenção para os crescentes movimentos de intolerância religiosa que se espalham pelo mundo.

Atitudes de intolerância religiosa também atingem o Brasil. A edição do Correio Braziliense² do dia 30 de janeiro de 2016 informa que a Polícia Civil do Distrito Federal estava investigando o atentado contra o Centro Espírita Chão de Flores incendiado em Sobradinho II, cerca de 30 quilômetros de distância da capital do país, como crime de

Disponível em:

¹ <http://buscacb2.correioweb.com.br/correio/2016/03/28/AXX11-2803.pdf>

intolerância. Segundo os policiais, foram encontrados vários focos de combustão dentro do imóvel, reforçando a hipótese de que o incêndio foi criminoso.

Segundo a Polícia do Distrito Federal, somente em 2015, entre terreiros do Candomblé e da Umbanda, dezesseis sofreram com ações criminosas². Os ataques, na forma de incêndios, depredações ou invasões, a essas casas que acolhem religiões de matriz afro-brasileira são apenas uma parte do movimento de ódio que circunda as pessoas que vivem diferentes formas de religiosidade.

No Brasil, a liberdade de consciência e de crença está assegurada no Título II (denominado “Dos direitos e garantias fundamentais”, Capítulo I, “Dos direitos e deveres individuais e coletivos”) artigo 5º, incisos VI, VII e VIII da Constituição Federal de 1988. A íntegra do inciso VI diz: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;” (Constituição Federal, 1988, Cap. I Art5º)

Outra garantia é dada pelos direitos universais, que prevê que "toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião". Nesse âmbito, estão asseguradas inclusive a liberdade de mudar de religião ou crença, e a liberdade de manifestar essa religião, seja por meio do ensino, prática ou pelo culto. Isso pode se dar isoladamente, coletivamente, em locais públicos ou particulares, como consta no Artigo XVIII.

A proposta constitucional de garantir o livre exercício dos cultos religiosos e proteger os locais de culto ainda não é totalmente cumprida no Brasil. As pessoas são discriminadas por apenas um fragmento de sua identidade - suas crenças religiosas.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar as concepções e crenças de professores (as) e estudantes do curso de Psicologia sobre o fundamentalismo religioso no Brasil e em outros países. Os objetivos específicos foram identificar se existe influência da religião no discurso de professores/as e estudantes de psicologia e quais as interfaces existentes entre crenças religiosas individuais e a formação em psicologia.

Disponível em:

² <http://buscacb2.correioweb.com.br/correio/2016/01/30/AXX20-3001.pdf>

Pluralismo religioso x preconceito

Se, em alguns casos, a resistência em reconhecer a existência de um pluralismo religioso no Brasil e no mundo leva o indivíduo ao isolamento em seu grupo, em outros casos pode levar a uma série de ações motivadas por ódio que não atingem somente o patrimônio, mas também a autoestima e o sentimento de pertencimento ao mundo das pessoas que seguem uma crença religiosa diferente da maioria.

Uma vez que a religião faz parte da cultura do indivíduo e, portanto, de sua identidade, estar inserido em um contexto que despreza e desqualifica essa crença, faz com que o indivíduo não se sinta acolhido e pertencente àquele grupo social. Se sentir acolhido e pertencente é considerado de grande importância para o desenvolvimento saudável do psiquismo humano.

Sem essas percepções, o indivíduo não sente confiança em trocar experiências do cotidiano. A ausência dessas trocas prejudica a transmissão de um aprendizado coletivo através de gerações, uma vez que o ser humano aprende e se constitui por meio da relação com o outro. Assim, o contato e a troca de vivências entre grupos que apresentam diferentes crenças religiosas vão ficando escasso até não mais ser possível. Começa então, o sofrimento psíquico, uma vez que o ser humano é um ser relacional.

O fundamentalismo religioso faz com que uma crença religiosa, que deveria ser apenas um aspecto cultural de um povo, passe a ser a base de uma série de ideias preconcebidas sobre determinado grupo social. Podemos citar, como exemplo, o uso da burca pelas mulheres mulçumanas adeptas do Islamismo. Por ser uma prática tão diferente das existentes no Ocidente, em especial no Brasil onde se cultua a exibição do corpo, a utilização da burca gera inúmeras ideias preconcebidas. Essas ideias acabam gerando distanciamento e criando barreiras difíceis de serem ultrapassadas. Barreiras essas mantidas por meio da constante desqualificação do outro grupo, o que caracteriza a discriminação, ou seja, a manifestação do preconceito, que pode ser sutil ou até mesmo escancarado (Peréz - Nebra & Jesus, 2011).

Segundo as mesmas autoras, a discriminação, preconceito posto em ação, pode produzir vários danos, entre os já citados, a falta de sentimento de pertencimento e a baixa autoestima que afetam a saúde psíquica, a vida social e profissional da pessoa que sofre com qualquer tipo de preconceito, seja pela etnia, orientação afetivo-sexual,

condição econômica, gênero ou a crença religiosa que professa. Tipos de sofrimento facilmente encontrado na clínica psicológica. Por isso, é de fundamental importância que a discussão sobre intolerância religiosa esteja no currículo da graduação em Psicologia. Principalmente às vinculações entre preconceito, sistema de valores pessoais e reprodução das desigualdades entre diferentes grupos presentes na sociedade.

Cultura, identidade social e preconceito

A psicologia sociocultural traz os conceitos de cultura, mediação semiótica e as experiências humanas como fundamentais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores do indivíduo (Bruner, 1997; Madureira, 2012; Madureira & Branco, 2012a, 2012b; Valsiner, 2007 citados por Madureira, 2015). O que Vygotsky (1995) denominou de gênese social do desenvolvimento psicológico. Podemos afirmar, então, que a cultura não só influencia o desenvolvimento humano, como o constitui. Não é possível a constituição de funções psicológicas tipicamente humanas, sem o indivíduo estar inserido em um contexto cultural. (Madureira & Branco, 2012).

E mesmo fazendo parte de uma mesma cultura coletiva, os indivíduos de uma sociedade ainda tem necessidade de se dividirem em diversos grupos diferentes. Segundo Woodward (2000), “essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (p.39). Por exemplo, o negro se reconhece negro porque não é branco. Ou seja, a diferença é fundamental para a constituição da identidade. É uma marcação simbólica da identidade.

Segundo Pérez-Nebra e Jesus (2011), essa divisão em pequenos grupos até mesmo facilita a convivência, assim, cognitivamente, sabemos interagir com diferentes tipos de agrupamentos. Por exemplo, ao encontrar surfistas na praia você vai interagir de forma diferente do que reage quando encontra um grupo de homens usando terno e gravata em um tribunal. A partir dessa separação, elaboramos diversos julgamentos. Julgamentos esses, chamados de estereótipos, que podem ser negativos ou positivos. Como exemplo, cito alguns estereótipos positivos e negativos bem conhecidos dos brasileiros: “Os baianos são preguiçosos”, “As loiras são burras”, “Os paulistas são trabalhadores”, “Os gordos são engraçados”.

O estereótipo é uma atribuição, consciente ou inconsciente, de crenças que se faz em relação a grupos ou pessoas. São generalizações que se fazem sobre determinado grupo e são preditores de comportamentos, ou seja, antecedem um comportamento (Peréz –Nebra & Jesus,2011). Quando negativo, é o componente cognitivo do preconceito - o que se conhece. De acordo com as autoras, estereótipo, preconceito e discriminação estão interligados da seguinte forma:

O primeiro passo, a categorização que fazemos, é o estereótipo. A segunda, de julgamento sobre o grupo, é a atitude, e veja, apenas a atitude negativa é chamada de preconceito. Finalmente a terceira, de comportamento baseado nesse preconceito, é a discriminação (p.223).

Os estereótipos negativos são base do preconceito. A dificuldade em lidar com o diferente leva a pessoa a uma tentativa de trazer aquilo que é diferente para o campo da “normalidade”, uma vez que a sociedade leva a crer que existe uma única possibilidade para a diferença, a exclusão. Woodward (2000) afirma que “a diferença pode ser construída negativamente por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou “forasteiros” (p.50).

O preconceito traz danos à sociedade porque favorece comportamentos discriminatórios, rudes e até mesmo desumanos. Madureira e Branco (2012) afirmam que o preconceito afeta as interações sociais no cotidiano e no plano subjetivo, ou seja, na forma como o indivíduo vivencia suas experiências no dia-a-dia e na compreensão do mundo. Dessa forma, o preconceito reforça as relações de poder e as desigualdades existentes na sociedade.

Os preconceitos são definidos como “fronteiras simbólicas rígidas, construídas historicamente e com forte enraizamento afetivo, que acabam por se constituir em barreiras culturais entre grupos sociais e entre indivíduos” (Madureira, 2007, citado por Madureira & Branco, 2012, p.125). Dessa forma, podemos considerar o fundamentalismo religioso uma forma de preconceito e, portanto, um fenômeno de fronteira porque afeta as interações sociais no cotidiano e no plano subjetivo das pessoas. Além de ser motivo de discriminação e exclusão.

Fundamentalismo religioso é preconceito

Segundo Robert Arp (2014), o termo fundamentalismo religioso surgiu em 1897, no final do século XIX, nos Estados Unidos, durante a Conferência Bíblica de Niágara. Nessa conferência, os protestantes definiram que a Bíblia continha todas as crenças cristãs fundamentais. Esse enunciado foi uma resposta aos cristãos modernos que não acreditavam na literalidade da Bíblia. Para eles, o livro sagrado era uma compilação de textos escritos por diversos autores que continham fatos reais, mas também poesia e parábolas - narrativas breves e de conteúdo alegórico com a finalidade de transmitirem um ensinamento.

Essa definição, por parte dos protestantes, também servia aos cientistas que buscavam respostas para vários questionamentos fora do campo do sobrenatural utilizado pelos cristãos para definir praticamente tudo. Para os fundamentalistas cristãos, a Bíblia continha a verdade absoluta ditada por Deus e, por isso, deveria ser defendida contra tudo que a negasse.

Nas palavras de Leonardo Boff (2002), o fundamentalismo pode ser definido da seguinte maneira:

Não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista. (p. 25).

Esta compreensão gera intolerância e desprezo em relação ao outro e às outras maneiras de compreender a verdade, provocando, inclusive, práticas violentas. Desta forma, pode ser compreendida como fundamentalista a pessoa que se fecha em sua própria concepção da verdade, não se abrindo para o diálogo e nem para novas construções em termos identitários. Quer impor aos outros sua maneira própria de compreender “a verdade”.

Os fundamentalistas são considerados os mais conservadores e literais seguidores de uma religião. Entretanto, na década de 1980, o termo fundamentalista ganhou uma conotação negativa e uma redefinição popular quando a mídia começou a descrever o Hezbollah³ (em árabe: ‘Partido de Deus’, grupo político do Líbano e força islâmica xiita com estrutura similar à do Exército) e outras facções islâmicas como fundamentalistas, durante os conflitos do Líbano.

O preconceito consiste em não permitir o reconhecimento do outro. Não permitir que o outro seja olhado. Com isso, não se permite também a formação do conhecimento e de novas identidades. E como todo julgamento sobre o que é considerado exótico, diferente, estranho, inferior é baseado em como foi construído o olhar sobre o outro, o preconceito é perpetuado por gerações (Santos, 2005). Mesmo as diferenças sendo fundamentais no processo de construção de qualquer identidade, o preconceito as transformam em desigualdade. Isso acontece quando a diferença deixa de ser apenas um marco simbólico entre ‘nós’ e ‘eles’ e passa a ser uma barreira intransponível. E a penalidade para quem se aventura a ultrapassar essa barreira pode variar de ameaças, agressões verbais, físicas e até mesmo à morte. E viver sob o jugo dessa impossibilidade de ultrapassar qualquer barreira, que podemos aqui caracterizá-la como preconceito, gera sofrimento e mal-estar (Madureira, 2010).

Outro dano provocado pelo preconceito é o medo. E o medo é um perigo para quem vive sob o seu jugo. É a principal justificativa para comportamentos qualificados, muitas vezes, como “desumanos”. O medo da morte que ameaça a mim e a minha família pode me tornar capaz de matar, mutilar ou torturar (Todorov, 2010). Num mundo cada vez mais globalizado, onde pessoas de diferentes culturas vindas de diversas partes podem se encontrar a qualquer instante e com maior frequência, urge a necessidade de se cultivar a tolerância e o respeito às diferenças.

E como é na relação com o outro que também se tece a própria identidade religiosa, não há como conhecer bem a própria tradição religiosa se não existe um diálogo respeitoso com as outras tradições uma vez que, como já afirmamos, a diferença é fundamental na construção das identidades sociais, como a religiosa. Identidades que

Disponível em:

³ <http://www.infoescola.com/historia/hezbollah/>

criam laços afetivos do indivíduo nos grupos sociais dando a ele o sentimento de pertença, além de orientar a constituição de sua subjetividade. (Madureira, 2010)

A relação com o outro é uma forma de exercer a própria espiritualidade, por exemplo, nas religiões cristãs. Nelas, o que se busca é a empatia com o próximo. O bem-estar do outro deve ser o foco daqueles que seguem a doutrina de Cristo como meio para atingir a própria felicidade e a paz espiritual. “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá sua vida pelos amigos” (João 15, 12).

Método

Na pesquisa realizada foi utilizado o método qualitativo que visa compreender e explicar um fenômeno, diminuindo a distância entre a teoria e a prática, buscando uma melhor compreensão do objeto de estudo (Neves, 1996). Essa redução da distância entre teoria e prática acontece por intermédio da análise e interpretação dos fenômenos estudados, sendo que as próprias experiências do pesquisador são importantes nesse processo.

O método qualitativo vai além dos princípios positivistas que se utilizam da filosofia empirista (em sua vertente radical) e dos conceitos matemáticos para explicar a realidade. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, ou seja, parte da realidade social e dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (Deslandes, 2007).

Minayo (2006, citada por Minayo, 2009), argumenta que a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados e este nível de realidade não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeiro lugar, pelos próprios pesquisados. Sendo assim, a pesquisa qualitativa permite ao participante trazer à tona aspectos subjetivos sobre determinado tema, conceito ou objeto que acabam sendo relatados de forma clara ou implícita.

A entrevista individual semiestruturada, utilizada nessa pesquisa é apenas um dos diversos instrumentos utilizados em campo dentro da abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1993), a entrevista é uma das estratégias mais utilizadas e tem como objetivo a construção de informações pertinentes para um objeto de pesquisa.

Participantes

Participaram da pesquisa um professor do curso de graduação em psicologia de uma instituição de ensino superior, de 41 anos, nascido e criado em uma família católica, mas que não se afirma católico. Além dele, outras duas estudantes do 6º semestre do curso de psicologia, uma de 24 anos, que também não se diz católica apesar de ter sido criada em uma família católica e outra de 21 anos que se diz católica praticante e que se converteu a fé católica por influência de um ex-namorado.

Materiais e Instrumentos

Foram utilizados os seguintes materiais: um gravador de áudio para registrar as entrevistas com os participantes e depois poder transcrevê-las e um *tablet* para apresentação de imagens, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE assinado por cada participante. Como instrumentos foram utilizados: roteiro de entrevista individual semiestruturada e imagens previamente selecionadas.

Procedimentos de Construção de Informações

Com o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB em mãos foi iniciado o trabalho de campo. Segundo Minayo (2009), o trabalho de campo consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira fase que incluiu as entrevistas e recolhimento dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados.

No prazo de uma semana, os três participantes, que, para garantir o anonimato deles, serão aqui representados por participante 1, participante 2 e participante 3, na ordem da realização da entrevista, assinaram o TCLE, concederam as entrevistas e analisaram as imagens previamente selecionadas. O uso de imagens visou estimular a construção de narrativas e reflexões por parte dos/as participantes sobre questões focalizadas na pesquisa. Os três participantes escolheram o local onde seria realizada a entrevista e aceitaram, sem nenhuma restrição, que o áudio da entrevista fosse gravado e posteriormente transcrito. As entrevistas foram transcritas na ordem em que foram realizadas e nos dias seguintes ao encontro com os participantes.

Procedimentos de Análise

Entre as diversas técnicas existentes do método de pesquisa qualitativa foi escolhido para a presente pesquisa a análise de conteúdo. Entre os procedimentos metodológicos da análise de conteúdo estão a descrição, a categorização, a inferência e a interpretação. Que consistiu nessa pesquisa nas seguintes etapas: Transcrição da entrevista feita com os três participantes, a categorização do conteúdo das entrevistas, considerando o objetivo geral e os específicos pretendidos com a pesquisa. Logo depois, foram feitas inferências, deduções de maneira lógica partindo de premissas que já foram aceitas como verdadeiras no contexto da presente pesquisa. Um trabalho, segundo Bardin (1979, citado por Gomes, 2007) semelhante ao de um arqueólogo que a partir do tamanho de um osso encontrado pode deduzir o tamanho do animal do qual pertencia o osso.

De posse das inferências, foi feita a interpretação ampliando os conteúdos analisados e dando um novo significado a eles com base na teoria que fundamenta a pesquisa. Foram, então, construídas três categorias analíticas temáticas. São elas: Fundamentalismo religioso no Brasil: concepções e crenças de professores/as e estudantes do curso de psicologia; Religião e formação em psicologia e A complexa relação entre ciência e religião.

Resultados e Discussão

Antes de descrever os diferentes entendimentos sobre a relação entre religião, fundamentalismo e psicologia, acredito ser importante citar o interesse dos entrevistados em participar de uma pesquisa sobre a relação entre psicologia e religião. Isso por que, para eles, o assunto é considerado um tabu dentro das universidades mesmo já tendo sido cientificamente estudado a influência de uma questão sobre a outra e vice e versa. Por exemplo, uma pessoa pode se ver livre de uma depressão contando apenas com a sua fé. Ou o psicólogo pode utilizar a religião do cliente como auxílio importante durante o tratamento. É possível verificar também que muitos líderes religiosos se utilizam dos conhecimentos psicológicos na condução de suas comunidades religiosas.

Para os entrevistados, esse tema precisa ser discutido nos cursos de graduação em psicologia de forma clara e objetiva, sem enveredar para questões particulares e

dogmáticas de cada religião. Mas, sim, pesquisar a influência da religião como constituinte da cultura e, portanto, integrante do processo de constituição da sociedade e do sujeito, objeto de estudo da psicologia.

Fundamentalismo religioso no Brasil: concepções e crenças de professores/as e estudantes do curso de psicologia

Segundo Robert Arp (2014), para os fundamentalistas cristãos, a Bíblia continha a verdade absoluta ditada por Deus e, por isso, deveria ser defendida contra tudo que a negasse. No entanto, a concepção de fundamentalismo ganhou novas conotações e associações. Fundamentalismo religioso passou a significar atraso, desigualdade e falta de uma visão mais ampla do mundo. Depois dos ataques às Torres Gêmeas, em Nova York, Estados Unidos, em setembro de 2001, o fundamentalismo religioso foi associado diretamente com o islamismo, considerado por muitos como o novo inimigo das nações.

Ao analisar o conteúdo das entrevistas, foi possível afirmar que todos os participantes da pesquisa se posicionam contra o fundamentalismo religioso, apesar de um deles ter o pensamento rígido e preconceituoso em relação a algumas questões relacionadas às crenças religiosas de outras pessoas. No entanto, consideram que a pessoa religiosa não necessariamente deva seguir todos os preceitos da religião a qualquer custo e sem questionamentos. *“Você sempre concordar sem pensar em absolutamente nada, não significa nada. Então, eu acho que você, por descumprir alguma coisa, não deve ser punido. Se for uma escolha sua própria.” (Participante 1)*

Sobre a ligação existente entre a desobediência dos preceitos e a punição, muitas vezes, pregada por fundamentalistas, independente da religião, a entrevistada, que professa a fé católica, discorda da afirmação. *“Acho que Deus é misericordioso. Acredito muito na misericórdia divina assim eu acho que, dependendo das circunstâncias ninguém vai saber se a pessoa está fazendo aquilo por algum motivo que tem uma causa plausível.” (Participante 3)*

É importante destacar a primeira frase da participante nesse trecho citado: “Deus é misericordioso”. Ela desmonta a falsa concepção de que a religião necessariamente estimula as pessoas a serem preconceituosas e fundamentalistas em relação às

diferenças individuais. O historiador Leandro Karnal, em uma palestra sobre confrontos religiosos e fundamentalismos afirmou:

Nós podemos fazer qualquer coisa com a religião. Ela se presta a qualquer coisa. Eu posso pegar a bíblia e mostrar, por exemplo, um aspecto do pensamento de Jesus, “eu vim trazer a espada, eu vim trazer a divisão”, ou eu posso pegar um Jesus do sermão da montanha, “bem aventurados os pacíficos”. Há fundamentalistas em todas as expressões religiosas.⁴

Um Estado laico defende a liberdade religiosa de todos os seus cidadãos e não permite a interferência de correntes religiosas em matérias sociopolíticas e culturais. A Constituição Brasileira, em seu art.19, veda à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar - lhes o funcionamento ou manter com eles, ou seus representantes, relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.

Apesar de fazer parte da lei máxima do país, a laicidade ainda não é respeitada no Brasil. Essa crítica foi feita por dois dos entrevistados depois de observarem uma foto do plenário do Supremo Tribunal Federal, apresentada pela pesquisadora, na qual atrás do presidente, está uma bandeira do Brasil e afixados na parede o brasão da justiça brasileira e um crucifixo – símbolo maior do cristianismo. *“A partir do momento que você escolhe uma religião ou predomina alguma coisa você está ignorando todas as outras possibilidades religiosas que acabam existindo.” (Participante 1). “Incomoda por que a gente acha que as decisões não podem incluir a questão religiosa. Tá julgando a questão e bota lá a religião no meio?” (Participante 2)*

No entanto, a mesma imagem não incomodou em nada a participante que se diz religiosa.

“Acho que o fundamento religioso quando levado de uma forma maleável, tem todo um fator positivo em cima deles sim. O fundamento cristão é muito rico. Eu acho ele muito rico. Eu não acho ruim assim, de todo ruim, ter um pouquinho de

⁴ Publicado em 14 de junho de 2015 no Youtube em <https://www.youtube.com/watch?v=Dv0eMm3ni0g>

fé dentro da política não. Acho que isso é uma questão do ser humano, né. Todo mundo tem um pouquinho.” (Participante 3)

Todavia, quando a participante foi questionada sobre a possibilidade de o crucifixo ser substituído por outro símbolo, não cristão, ela diz que não consideraria uma atitude natural. *“Aí já me incomodaria um pouquinho... É me incomodaria um pouquinho. É se fosse outro símbolo sim.” (Participante 3)*

Quando a participante 3, citada acima, afirma que “todo mundo tem um pouquinho de fé” e que ela se incomodaria com outro símbolo que não o crucifixo na parede do Supremo Tribunal Federal, mostra como as concepções do indivíduo norteiam a concepção que ele tem do mundo. Ilustra como o indivíduo tem consciência do mundo tomando como base as suas experiências, a sua realidade. Isso demonstra que a participante provavelmente ignora a existência de pessoas que não tem nem um “pouquinho” de crenças religiosas, sejam elas quais forem, e outras que não se incomodariam com outro símbolo ou que se incomodam com o crucifixo em órgãos públicos.

Nessas duas falas apresentadas anteriormente podemos entender o que Leonardo Boff (2002) quer dizer quando defende que o fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista. Podemos perceber também o fechamento para novas possibilidades como explica Santos (2005) ao afirmar que o preconceito consiste em não permitir o reconhecimento do outro. Não permitir que o outro seja olhado. Com isso, não se permite também a formação de novos conhecimentos e de novas identidades.

Ao se fechar para essas novas experiências, o indivíduo começa a se qualificar pela desqualificação do outro. Começa, então, a discriminação quanto ao que é diferente quando o ideal seria que essas diferenças fossem apenas características que permitissem delimitar quem é um e quem é o outro, uma vez que a construção da identidade se faz, necessariamente, por meio da marcação da diferença. Esse processo exige a marcação simbólica de fronteiras para delimitar de forma semipermeável, as diferenças entre indivíduos e grupos sociais. No entanto, quanto essas fronteiras se tornam impermeáveis, rígida, funcionam como barreiras culturais entre pessoas e grupos sociais (Madureira, 2007; Madureira & Branco, 2012).

Assim a comunicação fica comprometida e engessada impedindo a atualização da mensagem como acontece no modelo bidirecional de transferência cultural proposto por Valsiner (2012) que se baseia na premissa de que na transmissão cultural do conhecimento os participantes transformam ativamente as mensagens culturais que recebem. Por exemplo, uma determinada geração tenta transmitir conhecimento para uma geração mais nova na tentativa de orientá-la. No entanto, essa geração mais nova avalia as mensagens e reelabora a informação cultural recebida. (Valsiner, 2012)

A recusa em olhar o outro, em reconhecer o outro também é possível verificar na resposta da única participante que se declarou religiosa. Quando perguntado aos entrevistados se eles estariam presentes ou não em uma das cerimônias de casamento de um parente que seria realizada conforme uma crença diferente da que professam, a participante que se declarou religiosa afirmou que não participaria por que não se sentiria bem. Fica evidente na fala da participante destacada abaixo o quanto a crença religiosa canaliza as nossas vivências e relações pessoais.

“Acho que seria incoerente da minha parte que eu participasse do outro grupo. Eu não tenho muita afinidade então, eu não me sentiria bem no local. Poderia ir, mas assim: ficar bem distante só observando ali mesmo. Pronto e acabou. Mas acho que não chegaria a ir, participar assim, ser um dos convidados.”
(Participante3)

Já os dois participantes que se declararam não religiosos não apresentaram nenhuma objeção. *“Significa que você está tentando juntar dois mundos diferentes de uma maneira que não ofenda ninguém. Eu não tenho nada contra as outras religiões das pessoas.”* (Participante 1)

Quando o assunto é religião, independente de qual seja ela, os participantes foram unânimes em afirmar que a formação acadêmica interfere nas crenças religiosas das pessoas sendo que alguns cursos acadêmicos, como a psicologia, interferem mais que outros uma vez que o objeto de pesquisa é da mesma natureza do pesquisador. Sendo assim não tem como um não se reconhecer no outro e assim estar em constante processo de análise. Além disso, trabalham pressupostos epistemológicos, a formação das mais variadas crenças, a formação do preconceito e o comportamento humano. Entender a influência da religião no cotidiano das pessoas seria de fundamental importância aos profissionais da psicologia para auxiliá-los na desconstrução de preconceitos ou na elaboração de uma intervenção que faça sentido para o sujeito, por exemplo.

Religião e formação em psicologia

Segundo Miedema & Wardekker (1999 citado por Moreira & Câmara 2004), a finalidade do ensino é que o/a aluno/a aprenda a atribuir significados e a agir, socialmente, de modo autônomo. Finalidade que difere da religião que propõe a crença em dogmas e preceitos, sem questionamento. O que se busca é o agir e pensar comum, enfim, a homogeneização. No entanto, esse ideal de homogeneização por parte das religiões é uma ilusão. Por que apesar da necessidade de conviver socialmente, o ser humano é singular.

Atribuir novos significados e agir de forma autônoma desestabilizam a identidade e colocam em xeque muitas convicções, levando a pessoa a modificar pontos de vista e crenças que antes norteavam suas condutas (Moreira & Câmara, 2004).

Na pesquisa, um dos participantes afirmou não se considerar mais religioso porque começou a questionar muitos preceitos pregados pela religião da família. Segundo ele, essa necessidade de questionar veio com a formação acadêmica.

“Hoje eu estou meio num conflito religioso por que tem essa parte da família, essa influência da sua família dentro da parte católica. Mas aí eu tenho discordância dentro de pensamentos específicos do catolicismo. (...) A cabeça de cientista piora mais ainda as coisas.” (Participante 2)

Esse questionamento dos dogmas religiosos não apareceu só na fala dos participantes que se dizem não religiosos, mas também no discurso da participante que professa a fé católica. Ela se diz em conflito com alguns preceitos de sua religião. Isso é um fenômeno típico de quem se permitiu conhecer o desconhecido. A partir do momento que temos contato com o novo, novas configurações são construídas e as velhas concepções, muitas vezes nunca antes questionadas, são substituídas pelas novas (uma reelaboração da mensagem recebida), segundo o modelo bidirecional de transmissão cultural proposto por Jaan Valsiner (2012), conforme discutido anteriormente.

“Tem temas que são polêmicos e delicados que ferem um pouquinho a nossa fé, né? E a gente como cientista sabe que não deve pensar daquele jeito porque tem outras implicâncias na sociedade. Mas, tem temas aí que eu já estou mais maleável para aceitar e outros ainda resistentes. Então, eu estou em transição...” (Participante 3)

Mesmo afirmando que a formação acadêmica modifica a relação com a religião, todos os entrevistados acreditam que o assunto não deve ser um tabu, principalmente na formação em psicologia uma vez que a religião faz parte da vivência do ser humano, interfere em seu comportamento, na forma de pensar e agir, além de ser uma geradora potencial de preconceitos.

“[A religião] é uma variável que tem relação também com a saúde das pessoas, mais uma variável do dia-a-dia das pessoas. Tem que levar em consideração isso. Mas, levar em consideração não significa que você tem que falar que a sua é melhor do que a outra, que você tenha que contrapor as ideias, que você tem que pegar e fazer com que aquela pessoa mude de ideia por que a sua melhor do que a outra. É respeitar nesse sentido... Ainda mais se formos falar no nosso Brasil que é pelo IBGE acho que 93% das pessoas têm crenças declaradas.”
(Participante 2)

A religião faz parte do processo de elaboração da identidade, uma vez que ela se forma graças às relações que se estabelecem ao longo da vida. Segundo Moreira e Câmara (2004), a identidade é constituída dos elos reais ou imaginários que são estabelecidos com diferentes pessoas, grupos, personalidades famosas, personagens da mídia, família, torcedores de clube de futebol. Assim como procuramos nos distinguir de pessoas diferentes de nós.

Portanto, a identidade tem uma ligação estreita com a diferença. Por exemplo: só se é brasileiro porque não se é italiano ou qualquer outra nacionalidade. Bauman (1998 citado por Moreira e Câmara 2004) afirma que com base nas diferenças, formam-se diferentes grupos: o “nós” e o “eles”. Sendo que o grupo hegemônico, costuma ser considerado “normal” enquanto o “eles” é formado pelos excluídos, estranhos e considerados inferiores.

Quando a diferença vira objeto de preconceito e opressão interfere no desenvolvimento psicológico do sujeito, na percepção que ele tem dele, de sua família e suas crenças. Condição que acaba levando o sujeito a procurar um psicólogo para ajudá-lo a entender, conhecer e aceitar aquilo que o preconceito o levou a questionar, ignorar ou repudiar em si mesmo.

O psicólogo, ao desconstruir seus próprios preconceitos – o que, muitas vezes, acontece durante a formação - pode contribuir na desconstrução de comportamentos discriminatórios, fazendo a pessoa entender a importância da diferença na vida

cotidiana. Por isso, é muito importante que a religião, muitas vezes objeto de discriminação, seja debatida em sala de aula com alunos de graduação em psicologia. O conhecimento e a educação são peças-chaves no combate ao preconceito e no entendimento de fenômenos psicológicos relevantes.

“Acho que [a religião] pode ser discutida [no curso de formação] como prática por que muitas vezes em contextos profissionais você vai se deparar com pessoas que tenham religiões ou crenças diferentes. Então deve ser visto e debatido no sentido de deixar todos nós mais flexíveis. Tanto para a possibilidade extrema de que não exista religião para a pessoa, quanta na possibilidade extrema de que religião é tudo e nada mais importa.”
(Participante 1)

A complexa relação entre ciência e religião

A pesquisa também abordou a complexa relação entre a ciência e a religião. No que tange a Psicologia a questão religião/ciência assume diferentes aspectos. A Psicologia tem uma dimensão que a aproxima das ciências naturais e biológicas, que constroem e testam suas teorias baseadas na observação como a psicologia cognitiva da inteligência artificial, e outra dimensão que a aproxima das ciências históricas e as de interpretação, conhecidas como hermenêuticas que acessa os fatos pela busca de sentido como a psicanálise e as demais psicoterapias. (Schafranske, 1997 citado por Paiva, 2002).

Essas duas dimensões da Psicologia não podem ser separadas e a que mais se aproxima da religião é a dimensão histórico-hermenêutica onde, assim como a religião produz conhecimento, desperta motivação e muitas vezes leva à transformação pessoal (Schafranske, 1997 citado por Paiva, 2002).

Para os participantes, o fato de a ciência e a religião terem pressupostos epistemológicos diferentes não é empecilho para que esses diferentes conhecimentos possam dividir o interesse de uma mesma pessoa. Quando perguntado se um cientista pode ter religião, os entrevistados afirmaram que sim, no entanto, é preciso entender que são conhecimentos diferentes que não devem se misturar.

“Se ele conseguir separar uma coisa da outra. Se ele não vai tentar achar ciência na religião, pode ser que ele consiga seguir com as duas. (...) (Mas se)

“você abandonar todo o seu conhecimento, toda a sua linha de funcionamento, de pesquisa, de raciocínio, pra encaixar isso (a crença religião) não vai encaixar.”
(Participante 2)

“Religião e ciência são coisas diferentes. Cientista é o que você acabou escolhendo ser profissionalmente e religião é uma escolha sua pessoal. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.” (Participante 1)

Esses relatos demonstram que a relação entre ciência e religião não pode ser determinista, nem dogmática. É preciso entender que são conhecimentos diferentes que não necessariamente se anulam. Um religioso pode ser cientista ou vice-versa desde que não tenha uma visão fundamentalista de nenhuma dessas esferas do conhecimento.

Em uma pesquisa realizada com docentes-pesquisadores da Universidade de São Paulo foi verificada que as razões de aceitação ou rejeição da religião, sob a forma tradicional ou outra, não foram determinadas por decisões de natureza epistemológica, seja da ciência, seja da religião, nem pelas alegadas diferenças de atitude exigidas por uma e por outra. Ao contrário do que se esperava, os cientistas não colocaram o conhecimento científico em oposição a opção religiosa. Os conflitos apresentados não foram da ordem científica, como se esperava e sim humanos. Os resultados deixaram claro que os cientistas não têm dificuldade em aceitar uma divindade impessoal e cósmica, dotada de sabedoria e poder e ordenadora do mundo.⁵ (Paiva,1999)

Mesmo se denominando ateu, o historiador Leandro Karnal afirma que a ciência não exclui a religião, e a religião não deveria excluir a ciência. Para ele, esse confronto é um falso dilema, porque respondem a questões distintas. Há momentos em que a nossa razão não alcança e nós continuamos buscando essas respostas nas crenças religiosas.

Conclusão

Com base na análise das entrevistas realizadas, é possível perceber que o fundamentalismo religioso não apresenta uma fronteira muito definida. A linha entre ter uma determinada crença religiosa e deixá-la ser parte central nas atitudes e decisões é muito tênue.

⁵ Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/108072/106419>

A religião, por ser vista sempre como uma questão de escolha pessoal do indivíduo, não é debatida, nem questionada em escolas ou ambientes próprios para o ensino, como outros tipos de conhecimentos – senso comum e ciência, por exemplo. Apesar de recentemente, já ser possível encontrar estudos sobre a importância e o papel da espiritualidade na vida das pessoas.

Justamente por não ser estudada e debatida nas escolas, a religião acaba sendo uma “herança” da família e não propriamente uma escolha da pessoa. Conceitos, dogmas, preceitos vão sendo introjetados desde a tenra infância quando o indivíduo ainda não tem capacidade cognitiva de questionar ou procurar maior esclarecimento sobre o que lhe é passado. Até mesmo porque, pais, avós e outros familiares são pessoas que as crianças costumam ter como detentoras do saber. Quando jovens e adultos, aqueles conceitos, dogmas e preceitos profundamente arraigados ganham o status de inquestionáveis. Por isso, a formação acadêmica foi considerada pelos entrevistados como um processo que alterou a forma como se relacionavam ou se relacionam com a religião. Por que, durante a formação acadêmica, os estudantes tem acesso a conhecimentos que acabam levando ao questionamento de suas crenças.

No entanto, o fato da maioria dos cientistas, numa atitude dogmática, desmerecer o conhecimento religioso acaba polarizando o que não necessariamente deveria estar em pólos opostos. Muitos religiosos acreditam que a ciência trabalha com o intuito de provar a inexistência de um Deus. E muitos cientistas acreditam que ter fé é uma “falta” de inteligência, quando devemos considerar, tanto a fé quanto a ciência, conhecimentos diferentes que não devem ser comparados.

Cumprido considerar que o presente estudo contribuiu no sentido de oportunizar uma escuta sobre um tema que na graduação em Psicologia ainda é um tabu. Como estudante de psicologia, acredito que o fundamentalismo religioso que leva ao julgamento, a discriminação e a opressão é um assunto que deva ser amplamente debatido e estudado para que se possa entender seus mecanismos, a fim de reduzir os prejuízos provocados à sociedade e também não permitir seu próspero crescimento, não importando qual seja a religião. Os profissionais das diversas áreas, em especial, os da psicologia, precisam olhar para estas vivências e experiências de um modo mais amplo uma vez que o objetivo dessa ciência é contribuir com a promoção da saúde mental e o bem-estar do indivíduo. Além disso, sendo a Psicologia também chamada habitualmente de “ciência do comportamento” e, sendo, o fundamentalismo religioso

gerador de discriminação, um tipo de comportamento, esse tema não pode ser ignorado por psicólogos e futuros profissionais da área.

Referências Bibliográficas

- Art, R.(2014). *1001 ideias que mudaram nossa forma de pensar*. Rio de Janeiro: Sextante
- Boff, L.(2002). *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Bíblia Sagrada, *Evangelho segundo São João*. São Paulo: Ave-Maria
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal.
- Deslandes, S.F (2009). O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. Em M.C.S.Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp.31-60). Petrópolis – RJ: Vozes
- Gomes, R. (2007). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 79-108). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Madureira, A. F. A. (2010). Gênero, fronteiras simbólicas e imagens: implicações metodológicas e educacionais. *Anais - Simpósio: Gênero e Psicologia Social* (pp.17-30). Brasília: TechnoPolitik
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2012). As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz*
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto), 23(3), 577-591.
- Minayo, M.C.S. (1993). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Em M.C.S. Minayo(Org.), *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (pp. 61-77). Petrópolis – RJ: Vozes
- Moreira, A.F.B; Câmara, M.J. (2004). Reflexões sobre currículo e identidade:

- implicações para a prática pedagógica. Em A.F.Moreira & V.M.Candau (Orgs.), *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. (pp.39 – 40). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Neves, J.L. (1996). Pesquisa Qualitativa: Características, usos e possibilidades. *Caderno.de Pesquisas em Administração*, 1 (3), 1-5.
- Paiva, G. (1999). Representação Social da Religião em Docentes-Pesquisadores Universitários. *Psicologia USP*, 10(2), 227-239.
- Paiva, G.J. (2002). Ciência, religião, psicologia: conhecimento e comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 561-567
- Pérez-Nebra, A. R. & Jesus, J. G. (2011). Preconceito, estereótipo e discriminação. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia social: principais temas e vertentes* (pp. 219-237). Porto Alegre: ArtMed.
- Santana,A.L.Hezbollah.Retirado de <http://www.infoescola.com/historia/hezbollah>
- Santos, A; Cardin, N. (2016, 30 de janeiro). Centro Espírita sofre ataque em Sobradinho 2. *Correio Braziliense*, p.20.
- Santos, G. A. (2005). Filosofia e as gentes – um estudo sobre a origem das diferenças. Em D. J. Silva & R. M. C. Libório (Orgs.), *Valores, preconceitos e práticas educativas* (pp. 57-71). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Todorov,T (2010). *O medo dos bárbaros: Para além do choque das civilizações* (J.F. Teixeira, Trad.). Petrópolis-RJ: Vozes.
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed. [Capítulo 1 – Aproximações à cultura: bases semióticas da psicologia cultural (pp. 21-66)].
- Vieira, Jair Lot. (2005). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Edipro
- Vygotski, Lev S. (1995). Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores. Em Lev S. Vygotski. *Obras Escogidas. Tomo III*. Madri: Visor/MEC.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em T.T. Silva (Org), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. (pp.7-72). Petrópolis: Vozes.